

Percorrendo a Bienal: umas salas especiais

ARNALDO PEDROSO
d'HORTA

Não teria muito sentido, numa exposição como a Bienal, de tão amplas dimensões materiais, proceder-lhe à análise caso se se tratasse de mostra comum, em que importa exemplificar, obra por obra, as observações feitas. Mas, como a falta de roteiro para a visita, torna inevitavelmente arbitrário qualquer ângulo de que se parta para exame, pareceu-nos que valia a pena começar seu estudo pelas salas especiais dos artistas brasileiros, no 2.º andar do edifício, pelo fato de se tratar de gente que continua a prestigiar a iniciativa, com sua presença ativa. Como, apesar disso, muitos convidados não atenderam à convocação, o visitante desprevenido irá estranhar que haja salas especiais para os que lá se encontram, quando não existem para outros nomes de destaque; embora essa deficiência não seja da responsabilidade da direção do certame, a distância entre o que nessa seção deveria haver, e o que realmente há, é enorme.

Fazendo-se a volta do recinto pela esquerda, nessa parte do edifício, depois de passar pelos festivos bambus coloridos, de **Jone Saldanha**, deparamos a sala de **Di Prefe**. Acha-se ali reunida uma série de objetos para parede, redondos e inquietos como pupilas vivas, de leve pintura e lento movimento; a obra está menos espacial e mais elegante. É uma bela série, imaginosa e de pesquisa muito pessoal, destacando-se, entre as formas de proporções modestas, uma construção maior, que é como aquário cheio de sugestões; o artista mantém-se no alto nível em que sempre se situou.

Segue-se **Wega**, que parece aqui menos conturbada que de hábito, operando, na massa das tintas, mais aberturas e com melhor organização. **Vida I** define bem a paisagem e **Vida V** é bonito.

Vem depois **Odríozzola**, em sua linha que não sofreu alterações. Destacariamos particularmente **Tozzo** e **Mulher deitada**, ambos em técnica mista, e igualmente a **Paisagem n.º 5**, na qual, entretanto, a assinatura por demais evidente desequilibra a orquestração dos brancos e amarelos.

Há uma sala de homenagem a **Waldemar Cordeiro**, único dos artistas falecidos e lembrados na exposição, que mereceu uma sala significativa, com a apresentação de sua última modalidade de trabalho: fotos, processadas e traduzidas em linguagem de computador, coisa que tanto se assemelha, visualmente, a pontos de crochê.

Deparamos o grupo dos concretistas: **Maria Helena Andrés**, em composições geométricas, linearmente construídas; **Arcegielo Ianelli**, com abstrações dos amplos espaços planos, qual fachadas em que se abrissem os batentes de portas ou janelas; **Ludolf**, uma pintura feita de pinguinhos simétricos sobre fundo chapado, com resultado às vezes coruscante, de outras formando padrões como para tecidos.

A sala vizinha é a de **Charroux**, talvez a mais bela, pela coerência, dignidade e firmeza. Está ele num ponto alto de seu desenho e a intervalos concede-se a liberdade de sair dos

duros limites do preto e branco. São variados jogos de linhas, que mereciam ser ampliados nas paredes de grandes edificações, enriquecendo e diversificando esta nossa triste e monótona paisagem urbana.

Ubi Bava mostra a sua invenção das vitrinas-montagens, com espelhos — numa delas são 100 espelhinhos ordenados: na verdade trata-se de cem aberturas redondas, pelas quais se desdobra a imagem refletida no único espelho existente ao fundo da caixa de madeira; de um para outro desses objetos, muda o jogo das cores e num deles, entre a superfície externa e o espelho do fundo, situa-se uma rede de arame, num elegante efeito.

Fiaminghi comparece com trabalhos em que as cores e os quadrados desenvolvem entre si um jogo. É mais vivo e imaginativo na série dos desenhos, de belos efeitos, decorrentes do tracejar superposto.

Abelardo Zauar, que corresponde à designação de arte construída, pois parte de algo pré-existente, Formula desenhos de linhas brancas, sobre a superfície de fotografias. Trata-se de brincadeira divertida, na qual o arabesco do desenho acrescentado, acentua, altera, comenta ou disvirtua a foto original; no caso da foto das **Odaliscas**, de **Inges**, ficou engraçado.

Depois de **Maurício Nogueira Lima** e **Aluizio Carvão**, sempre rigorosamente geométricos, comparece **Manabu Mabe**, que, saindo das facilidades e desca-minhos que andou se extraviando, mostra-se agora, de novo, com força. **Solene, Vivo, Forte, Vibro** — títulos de seus quadros, correspondem, como qualidade, à matéria pitórica.

Izabel Pons faz, em publico, com as gravuras que apresenta, uma demonstração do desenvolvimento de seu trabalho: as provas de estado têm, cada qual, um comentário indicativo da modificação a ser introduzida na chapa para encaminhamento do resultado pretendido, até o estágio final. A série do **Mosaico noturno** é bela e a do **Rendez-vous** lembra gravura japonesa.

Wladyslaw, em sua sala, mostra-se bem russo, na linha **Chagall**, com trabalhos entretanto diversificados: é abstrato em **Aquecendo**, tem influência fotográfica em **Visitantes**; **Imagem** possui inspiração religiosa, em bela e sofrida textura, e **Face oculta** é como que se está desfazendo.

Carybé apresenta-se com tapeçarias de motivos indígenas e de cenas populares baianas. Quanto à pintura, é desigual: há uma cavahada movimentada, um **São Sebastião** feíssimo; na **Hora do Meio Dia** organiza uma subdivisão de quadros menores no espaço grande da tela — como em teatro — para mostrar a rua das prostitutas; já com **A mulata grande** e **Praia do Bogari**, parece encaminhar-se para um tipo pessoal de surrealismo — o que, eventualmente, poderá vir a constituir-lhe uma saída.

O ponto final desta visita ficou sendo o espaço reservado para **Maria Bonomi**, e por ela não preenchido: apenas escreveu a mão, na parede do estante, recado mandando o visitante ir ver, o que ali não se encontra, em filme que fez com **Farkas**. Como piada ficou fraca, pois o que não falta na Bienal são salas vazias e painéis em branco, sucedendo-se monotonamente.